

## Resenha: Nós, Ciborgues, tecnologias da informação e subjetividade humano-máquina

### Review: We, Cyborgs, information technologies and human-machine subjectivity

Francisco de Paulo D'Avlia Junior<sup>1</sup>

**Nós ciborgues: tecnologias da informação e subjetividade humano-máquina** é um livro de Fátima Regis, fruto da sua tese de Doutorado intitulada “Nós Ciborgues: a ficção científica como narrativa da subjetividade humano-máquina”, defendida em 2002, na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A 1ª edição do livro foi publicada em 2012, e estabeleceu um debate sobre humano/máquina, através de uma abordagem dicotômica entre os conceitos natureza-cultura, subjetividade-objetividade, filosofia-arte-ciência, dentre outros. No entanto, em sua 2ª edição, publicada em 2023 pela editora Pucpress, a autora guia seus leitores no alargamento do debate estabelecido na primeira edição, seja a partir da aproximação com novos conceitos (como a teoria Ator-Rede de Bruno Latour), seja pela inserção de temas mais recentes, como os desdobramentos da Inteligência Artificial. Com prefácio de Erick Felinto, o livro de 274 páginas está dividido em três partes e sete capítulos. O livro pretende responder duas questões: “como nos tornamos ciborgues? E como a ficção científica conquistou a atualidade?”. (Regis; 2023, p. 21).

A primeira parte, *Um novo saber, uma nova subjetividade*, composta por dois capítulos, traz reflexões sobre o sentido de subjetividade forjada há pelo menos quatro séculos, no período renascentista e também a *Utopia Moderna*, oriunda das ideias iluministas sobre o desenvolvimento técnico e a verdade do sujeito e da sociedade do futuro, além das condições do surgimento da Ficção Científica.

---

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), vinculado à linha de pesquisa Linguagem, Corpo e Estética na Educação (LiCorEs). Membro do grupo de pesquisa Labelit Laboratório de Estudos em Educação, Linguagens e Teatralidades (UFPR/CNPq). Mestre em Artes pelo Programa de Pós-Graduação da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: [davilafrancesco@gmail.com](mailto:davilafrancesco@gmail.com)

No primeiro capítulo, o texto intitulado *Rumo ao Interiore Homine*, retrocede na história da humanidade, para investigar a ideia de subjetividade forjada no Renascimento, por volta do século XVII. O cultivo das artes técnicas é valorizado no pensamento renascentista, tornando possível a projeção mental e a concretização pela habilidade manual, e ao imitar o divino, torna-se o homem renascentista um humano virtuoso. O desenvolvimento do conhecimento técnico científico, representados pelos estudos de Galileu Galilei (1564-1642), Nicolau Copérnico (1473-1543) e Johannes Kepler (1571-1630), movimentaram a posição do humano no cosmos, possibilitando novas perspectivas para além da simples contemplação.

A autora argumenta que o sucesso do Renascimento na criação de mecanismos artificiais transformou o conhecimento criativo em um princípio lógico e estabeleceu a arte como produtora de verdade, fundando a ciência clássica. Ela sugere que, se modelos artificiais refletem a realidade, a natureza pode ser compreendida através dessas representações precisas, com o método científico funcionando como um modelo de representação da realidade. O conhecimento do mundo real é possível ao convertê-lo em modelos artificiais, como matemáticos e mecânicos, que permitem reproduzir e recriar a natureza, resultando em artefatos sem precedentes naturais.

Nesse sentido, destacam-se mudanças ontológicas e epistemológicas que conferem ao humano a capacidade de criar, não apenas contemplar, o mundo. Arte e ciência evoluem de imitações divinas para técnicas de representação que ordenam e recriam a natureza. Esse avanço requer um novo estatuto para o humano, tarefa que, segundo a autora, René Descartes (1596-1650) aborda ao investigar a interiorização humana.

No subcapítulo *Corpo Orgânico e Civilizado*, a autora discute como o pensamento iluminista vê o corpo humano não como uma máquina cartesiana, mas como um ser vivo marcado pela sombra da besta. Os humanos tentam afastar essa sombra alegando que, por serem racionais, seus corpos pertencem à razão e à cultura, não à natureza. Na modernidade, o corpo é visto como o limite individual e a interface com o mundo social. Já em *A revolta romântica, o belo como um valor absoluto*, a autora evidencia o impacto do romantismo para a subjetividade, explicando que, para os românticos, o conceito de belo era central e universal, substituindo a ênfase iluminista na razão epistêmica. Não se tratava de uma apologia

ao irracional, mas de uma harmonização entre razão e sensibilidade. Os românticos buscam nos valores do passado histórico, nas tradições e nos costumes culturais do povo, uma forma de contrapor-se ao Estado e à Constituição, ao contrário dos iluministas, que projetam a realização da verdade no futuro e apostam em valores universalizantes.

A segunda parte do livro, intitulada *Ficção Científica: uma narrativa sobre o humano*, é composta por dois artigos que investigam aspectos da FC, desde as raízes que propiciaram sua criação, até os motivos que a levaram a conquistar a atualidade.

No primeiro artigo desta segunda parte, em *Como a Ficção Científica conquistou a atualidade*, Regis faz um traçado na história para não somente localizar a origem da FC, mas também para levantar as principais conceituações do termo. Temporalmente, ela marca a década de 1880 como um marco na literatura popular inglesa e americana, com os procedimentos técnicos modernos que permitiram que a literatura da época fosse impactada nos processos de distribuição, e também as aplicações químicas que passaram a ser empregadas no tratamento do papel.

Ao apontar as condições do surgimento da FC, Regis ressalta que as mudanças nas esferas sociais, políticas e econômicas, perpetuadas na virada do século XIX, na Europa, a partir de eventos como a Revolução Francesa e Industrial, prepararam o terreno para o surgimento da FC. Foi na Modernidade, que em contraponto ao sujeito clássico, o sujeito moderno passou a ser “constituído como ser vivo, finito, como corpo e mente secularizado” (Regis, 2023, p. 90).

No segundo artigo da segunda parte, intitulado *Robôs, Demasiadamente Humanos*, a autora investiga a criação de vida artificial de forma brevemente cronológica, desde os autômatos – engenhos mecânicos capazes de gerar o seu próprio movimento- até o seu desenvolvimento mais aprofundado durante a Modernidade. A autora examina como algumas obras de Ficção Científica do século XIX e início do século XX exploraram as complexas relações entre humanos e máquinas.

Edgar Allan Poe, em "O Jogador de Xadrez de Maelzel", investiga a ilusão de inteligência e autonomia das máquinas. A história questiona a autenticidade da suposta inteligência do autômato jogador de xadrez, que na verdade é manipulado por um humano escondido, sublinhando a distinção entre verdadeira consciência e mera simulação mecânica.

Em "R.U.R." (Rossum's Universal Robots) de Karel Čapek, a criação de robôs destinados a servir a humanidade leva a uma revolta que resulta na extinção da raça humana. Čapek introduz o termo "robô" e explora temas de desumanização e as consequências imprevistas da automação, alertando sobre os perigos de criar seres artificiais sem considerar as implicações éticas e sociais.

Na parte final: *As tecnologias digitais e a subjetividade humano-máquina*, encontramos três artigos que discutem, com mais profundidade, os conceitos de organismo vivo e inanimados. Além de um capítulo sobre Inteligência artificial que propõe uma nova concepção sobre a subjetividade do humano, visto que ao contextualizar o metaverso, amplia o processo de cognição considerando o ambiente e as interações sociais como parte do processo cognitivo.

No primeiro artigo: *As tecnologias de informação e a subjetividade humano-máquina*, apresenta uma discussão sobre biologia molecular e todo o desenvolvimento tecnocientífico perpetuado durante o século XX, e que desafiou as noções modernas de humano. A autora destaca dois pontos principais sobre isso. Primeiro: as principais correntes teóricas defendem que não há diferença de natureza entre o ser vivo e a matéria inerte; a distinção entre homens, animais e máquinas é de complexidade, não de natureza. Segundo: pensamento e inteligência são desassociados da consciência de si, deixando de ser exclusivos do humano.

No segundo artigo: *Os Andróides sonham com carneirinhos elétricos?* Fátima Régis narra através da Ficção Científica, algumas representações que o conceito de *Robôs Humanoide* teve ao longa da história. Vai citando vários exemplos, como os humanoides de *Guerra nas Estrelas* (George Lucas, 1977); *Filme Metrópolis* (Fritz Lang, 1926); *A.I: Inteligência Artificial* (Steven Spielberg, 2001); *D.A.R.Y.L.* (Simon Wicer, 1985), dentre outras passagens da narrativa ficcional.

Ao narrar através de diversos contos a trajetória desses personagens robôs/androides, a autora afirma que a FC desafia a linha que separa humanos e suas criações tecnológicas, propondo uma nova maneira de se relacionar com a tecnologia. Nesse contexto, dispositivos técnicos não são mais vistos apenas como ferramentas auxiliares ou próteses que afetam o conhecimento do indivíduo. Em vez disso, as tecnologias da informação são apresentadas como elementos constitutivos da própria humanidade, influenciando e moldando a identidade e a existência humana.

No último capítulo, em *A Subjetividade Cyber: tecnologias de informação e as novas experiências do Humano*, a autora aborda o desenvolvimento das tecnologias e do ciberespaço, ressaltando como essas novas invenções influenciam e moldam a nossa compreensão do humano e das interações com a tecnologia. Atualmente, segundo a autora, as tecnologias de informação não se limitam a ser meros instrumentos ou extensões do corpo humano; elas também constituem um novo ambiente a ser explorado. Essas tecnologias possibilitam uma integração entre o corpo e as máquinas, permitindo que ações físicas sejam diretamente conectadas às memórias digitais.

Nas considerações finais estabelecidas em seu livro, aprofunda a reflexão acerca do conceito de Ciborgue. De acordo com Regis, o conceito de Ciborgue vai além da simples fusão de carne e metal, abordando questões complexas sobre a delimitação entre o humano e a tecnologia. O conceito de Ciborgue, para Regis, se materializa através da quebra de fronteiras ontológicas que antes eram consideradas fundações culturais, históricas e epistemológicas.

Fatima Regis conclui seu livro com a reflexão de que, embora possamos aceitar ou rejeitar a ideia do devir Ciborgue, não podemos ignorar a necessidade de refletir sobre a relação entre humanos e máquinas. Ela sugere que o conceito de Ciborgue deve ser visto como uma oportunidade para novas experiências e a formação de perspectivas subjetivas, onde a conexão com as máquinas enriquece a vida e expande as possibilidades da experiência humana no mundo.

## Referências

REGIS, F. **Nós Ciborgues**: tecnologias da Informação e subjetividade humano-máquina. Curitiba: Pucpress, 2023.